

## **INTERPRETAÇÕES DO BRASIL CONTEMPORÂNEO: 1964 E 2016 (Programa Provisório)**

Professor Responsável: Bernardo Ricupero

### **Objetivos**

A disciplina procura verificar como se constituíram as primeiras interpretações a respeito de 1964, confrontando-as com análises da crise atual da democracia brasileira. Assume-se tal caminho já que o desafio colocado pelo golpe sexagenário é, em boa medida, comparável ao do tempo presente, ambas as situações tendo imposto a revisão da maneira como se pensa a sociedade e a política brasileira.

É verdade que os dois contextos com os quais trabalharemos são muito diferentes, até porque o fato dominante quando ocorre 1964, a Guerra Fria, não existe mais. No entanto, de maneira mais profunda, nosso problema, assim como o do pós-golpe militar, é a democracia, questão que, na verdade, não era evidente para os diferentes atores políticos antes de 1964, mas que se tornou, durante o autoritarismo, decisiva. Nesse sentido, é possível dizer que há um quadro comum entre os dois períodos que discutiremos que torna possível a aproximação entre eles.

Privilegiaremos como material de estudo uma série de trabalhos que buscaram entender, frequentemente “a quente,” esses “momentos decisivos” e nos quais estão mais ou menos explícitas interpretações abrangentes a respeito do Brasil. Buscaremos especialmente as “formas de pensar” subjacentes a tais análises. Pode-se destacar inicialmente a presença de interpretações “institucionalistas” e “estruturalistas” para explicar as duas situações. No entanto, nem todas as análises se apresentam de forma pura ou se enquadram numa linha ou outra. Conseqüentemente, o esforço de mapear as explicações não deve ser classificatório, mas principalmente heurístico.

### **Justificativa**

1964 não foi propriamente “um raio caído em céu azul”. Antes do golpe havia expectativas de tal desenlace, fosse ele favorável à direita ou à esquerda. Mesmo assim, consumada a ruptura, ela teve um profundo impacto. Tratou-se geralmente de início de procurar entender o que aconteceu. Consolidada a nova ordem social e política, buscou-se interpretar a sua natureza. Tal preocupação tinha uma dupla dimensão; analítica e normativa, teórica e política, tendo afetado particularmente as ciências sociais, das quais muito de seus pesquisadores eram ou tinham sido militantes políticos.

Em contraste com 1964, cujo marco da crise é o próprio golpe, atualmente há uma certa disputa em relação a quando a crise da democracia se iniciou, havendo mesmo aqueles que questionam se a democracia está realmente em crise. Há tanto autores que destacam a revolta mais ou menos espontânea que estourou em 2013, como outros que prestam atenção especialmente ao impeachment de 2016 e, finalmente, aqueles que dão importância principalmente à eleição, em 2018, de um presidente de extrema-direita. Escolher um ou outro momento tem implicações na análise, ajudando mesmo a estabelecer como se focará a crise. Nesse sentido, o impeachment de Dilma Rousseff é uma referência entre outras.

O curso busca assim se somar ao esforço de compreensão do momento atual recorrendo, no nosso caso, à história do pensamento político e, em especial, às interpretações a

respeito da ordem social e política instalada em 1964. Indaga-se, nesse sentido, como as análises que se dedicaram a esse momento histórico podem – ou não – iluminar a nossa atual crise política e social. Chamamos a atenção, em especial, como certas categorias, como “populismo”, “autoritarismo”, etc. reaparecem, modificadas, nos contextos com os quais lidamos.

Ao tratar de interpretações de crises da democracia, tomamos a história tanto como objeto como abordagem. Trata-se de investigar momentos decisivos na constituição da democracia no Brasil; em primeiro lugar, a da busca da compreensão do chamado autoritarismo, o que era entendido então como esforço necessário para se poder enfrentar a ordem social e política criada pelo golpe. Esse esforço, realizado basicamente nos anos 1960 e 1970, abre caminho para uma nova ordem, cujo marco é a Constituição de 1988, fortemente questionada nos últimos anos. Estamos, portanto, numa posição privilegiada, a partir da qual, procuraremos explorar tanto as possibilidades como os limites da democracia no Brasil.

### **Critérios de avaliação**

Serão realizados seminários (30% da nota) e um trabalho final (70%) ao longo do curso. A nota final será resultado dessas atividades.

#### **1) Apresentação. De uma crise a outra crise. 18/03**

Bibliografia complementar:

KOSSELECK, “Crisis”. *Journal of the History of Ideas*. v. 67, n. 2, pp. 357 – 400, 2006.

#### **2) O colapso do populismo 25/03**

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Cap. V: “Getulismo e política de massas”; Cap. VII: “A esquerda e as massas”; Cap. IX: “O golpe de Estado”; “Conclusão”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Primeira Parte. Cap 1: Política de Massas; Cap. 2: “Estado e massas no Brasil”; Cap 3: O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

#### **3) 1964 como revolução burguesa ou como contrarrevolução? 01/04**

CARDOSO, Fernando Henrique. “O regime político brasileiro”. *Estudos CEBRAP*, n. 2, pp. 83 - 118, 1972.

OLIVEIRA, Francisco. “A economia brasileira: crítica à razão dualista”. *Estudos CEBRAP*, 2. São Paulo, pp. 3 – 82, 1972.

#### **4) 1964: a revolução burguesa como contrarrevolução 08/04**

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Cap. 7 “O modelo autocrático-burguês de transformação capitalista”. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1975.

5) **A emergência do conceito de autoritarismo** 15/04

CARDOSO, Fernando Henrique. *Autoritarismo e Democratização*. Cap. V: “Estado e Sociedade no Brasil”; Cap. VI: “A questão do Estado no Brasil”; Cap. VII: “A questão da democracia”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LINZ, Juan. “The future of an authoritarian situation or the institutionalization of an authoritarian regime: the case of Brazil”. STEPAN, Alfred. *Authoritarian Brazil*. New Haven: Yale University Press, 1973.

6) **O colapso institucional** 22/04

SANTOS, Wanderley Guilherme dos, *Sessenta e quatro: anatomia da crise*. (livro todo menos apêndices). Rio de Janeiro: Vértice, 1986. (original: *The calculus of conflict: impass in Brazilian politics and the crisis of 1964*. Tese doutorado, Universidade de Stanford, 1979).

7) **Procurando interpretar a crise** 29/04

AVRITZER, Leonardo. “Introdução”; Cap. 1. “A democracia e os custos do presidencialismo de coalizão”. *Impasses da democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

8) **A tese do golpe parlamentar** 06/05

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Prefácio; Cap. 1 “Democracia representativa e golpe constitucional”; Cap. 2 “1964 e 2016: dois golpes, dois roteiros”; Cap. 5 “Da democracia e seu bastardo: o golpe parlamentar”; Cap. 6. *A Democracia Impedida: o Brasil no Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

9) **A explicação institucionalista do impeachment** 13/05

LIMONGI, Fernando. “Introdução”; Cap. 3 “O chantagista-mor da República”; Cap. 4 “Cognição sumária”; Cap. 5 “Em busca da paz perdida”. *Operação Impeachment*. São Paulo: Todavia, 2023.

LIMONGI, Fernando; FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. “A crise atual e o debate institucional”. *Novos Estudos CEBRAP*. v. 36, n. 07, pp. 79 – 97, 2017.

Melo, Marcus André; Pereira, Carlos. “Impeachment como bomba atômica”. *Por que a democracia brasileira não morreu?* São Paulo, Companhia das Letras, 2024.

10) **Os limites do lulismo** 20/05

SINGER, André. “Introdução: Do sonho rooseveltiano ao pesadelo golpista”; Cap. 1 “Cutucando onças com bases curtas”; Cap. 3 “A encruzilhada de Junho”; Cap. 4 “Três partidos brasileiros”; Cap. 7. “Lula; Lava Jato e Temer na batalha

final” “Conclusão: Dois passos adiantes, zigue-zage e queda”. *Lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma*. São Paulo: Companhia das letras, 2018, pp. 11 – 76;131-160; 287 - 297.

**11) O pemedebismo e seus críticos 27/05**

NOBRE, Marcos. Introdução; “Pemedebismo, presidencialismo de coalizão e crise da democracia”; “Das novas direitas à eleição de Bolsonaro”. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

**12) Bolsonaro, bolsonarismo 03/06**

NUNES, Rodrigo. “De que Bolsonaro é o nome”. *Da vertigem ao transe: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu, 2022.

PINHEIRO MACHADO, Rosana; FEIXO, Adriano de. “Dias de um futuro quase esquecido: um país em transe, a democracia em colapso”. *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.